

O aspirante Mega e a liderança na juventude durante a Segunda Guerra Mundial

Maj R1 Edgley Pereira de Paula*

De acordo com Hobsbawn (2007), vivemos “tempos interessantes”! Se, por um lado, o processo de globalização aponta para um mundo de fronteiras fluidas, massificado e até certo ponto superficial, verificamos, em resposta a esse “estado de coisas”, o aparecimento de resistências culturais, por intermédio de grupos sociais organizados ou mesmo de instituições do poder público. Evidenciam o passado e a tradição desse Estado Nacional, que teima em não desaparecer ao defender a memória de povos que percebem na sua tradição um valor, um bem cultural que os distingue e que os identifica.

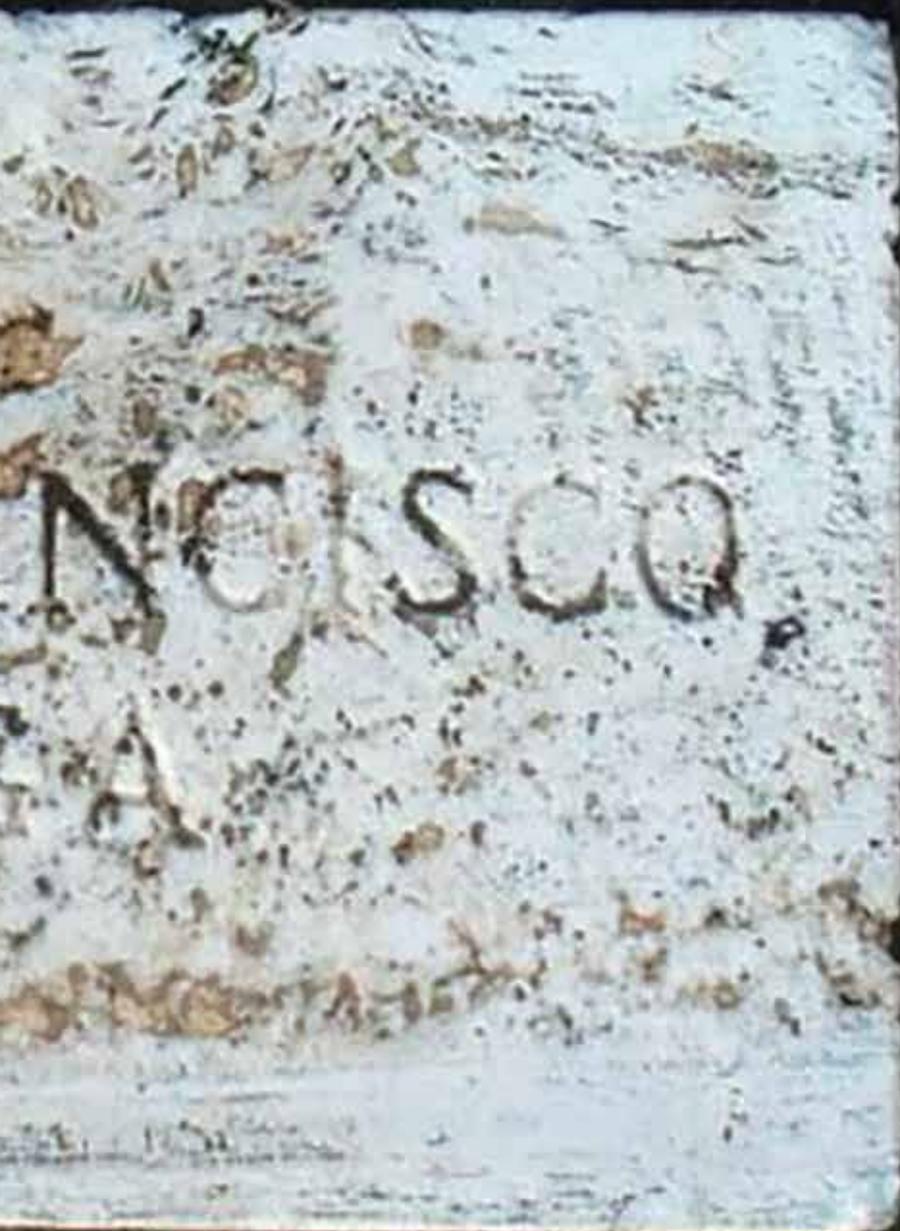
Insera-se, nesse paradoxo e momento histórico, o revisitar de um passado próximo, no caso, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Como grande pano de fundo dessa rememoração, e que, por certo, a revigora, está o desaparecimento das últimas gerações de brasileiros que efetivamente viveram e lutaram no tempo dos horrores da guerra, eternizados na figura dos “pracinhas”¹.

No Brasil, aumenta-se consideravelmente o número de pessoas e instituições que se dedicam a pesquisar o tema, afora o culto aos feitos desses soldados, que sempre ocorreu entre os militares por questões próprias do simbolismo e da liturgia na caserna. Várias são as situações atípicas contadas por esses veteranos, que, após quase dois anos de preparação e luta nos campos de batalha, de volta ao Brasil, produziram uma farta documentação memorialística, que é utilizada hoje em dia nesse eterno recontar da participação brasileira na referida guerra.

* Edgley Pereira de Paula é major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2004. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atua como consultor cultural e pesquisador em diversas instituições, inclusive na Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM), do DECEX, na qual é editor dos *Cadernos de Liderança*.



Entre tantos casos dramáticos, uma história bastante conhecida, que ficou para a posteridade, foi a do então aspirante Francisco Mega. Trata-se do jovem oficial que se apresentou entusiasmado para servir nos campos de batalha da Itália e que lá ficou, morto em combate, vítima de estilhaços de granada inimiga, mas que, mesmo gravemente ferido, não desanimou e continuou até o momento derradeiro a comandar seu pelotão no cumprimento da sua missão.



Foi na batalha de Montese, a mais sangrenta de toda a campanha da Força Expedicionária Brasileira, ocorrida entre os dias 14 e 17 de abril de 1945, que ele perdeu sua vida. A vitória brasileira mereceu o elogio do Comando Aliado, segundo declarou o general Crittenger, comandante do IV Corpo de Exército Americano: “– Depois de Montese, os brasileiros estão em condições de ensinar aos demais como se conquista uma cidade”.



Fonte: CCOMSEx

Tal era o valor estratégico dessa região que, com o rompimento da última linha de defesa nazista, a chamada “Linha Gótica”, o dispositivo do Eixo desmoronou, provocando a retirada de todo o exército alemão para o norte da Itália. A qualidade dos homens e a liderança dos oficiais e graduados febianos foram os verdadeiros diferenciais para o cumprimento das mais árduas missões naquele cenário caótico, no qual a camaradagem reinante entre as tropas brasileiras, a única verdadeiramente multiétnica que atuou naquele conflito, fez a diferença.

Acostumados ao verão dos trópicos e aos invernos amenos, os pracinhas brasileiros viram-se obrigados a combater sob a neve, com temperaturas inclementes de até -20°C . Logo ficou evidente que o padrão de doutrina em vigor no Exército Brasileiro, à época, moldado segundo os rígidos e aristocráticos padrões franceses como herança da Missão Militar Francesa, que atuou no Brasil durante as décadas de 1920/30, estava obsoleto.

No desenrolar das ações em campanha, ficou notório que tais condutas não mais se adequavam à guerra moderna que se desenvolvia e muito menos ao espírito do soldado brasileiro. Os primeiros combates ensinaram que, para além do dever moral e do sentimento puramente patriótico, eram os laços de camaradagem os responsáveis pela conduta inquebrantável do combatente em campanha.

Decerto, no terreno montanhoso do teatro de operações italiano, os blindados tiveram importância reduzida. A topografia acidentada dificultou as grandes manobras, reduzindo a esmagadora superioridade aliada em homens e materiais, favorecendo a bem montada defesa nazifascista. Cresceu então de importância a tática das pequenas frações de tropa: as companhias, pelotões e grupos de combate, acentuando o papel do simples soldado convocado, do seu relacionamento e da confiança nos superiores hierárquicos mais próximos. Sozinho à noite numa trincheira gelada, frente ao experimentado inimigo, somente o espírito de corpo mostrou-se capaz de manter a sentinela firme em seu posto, consciente do seu dever para com seu líder imediato a quem ele confiava a sua própria vida.



Fonte: CCOMSEx

Fato é que, naquele momento da guerra, os alemães se aproveitavam de qualquer ondulação do terreno para se alojar em posição defensiva. Foi isso o que fizeram tenazmente, num último esforço de barrar a arrancada da 10ª Divisão de Montanha, vanguarda do IV Corpo do Exército Americano, cujo flanco deveria ser coberto pela FEB, atacando aquela pequena cidade italiana que se postava ao lado da divisão americana.

A ação principal sobre a cidade de Montese coube ao 11º Regimento de Infantaria, que, por sua vez, era coberto ao norte pelo 2º Batalhão (Batalhão Syzeno), do 1º Regimento de Infantaria. O tradicional “Regimento Sampaio” participou daquela cruenta batalha, por três longas jornadas. Devido ao pesado número de baixas, Montese ficou conhecida pelos que lá combateram como a “Cidade da Torre Sinistra”. É nesse contexto que, conquistada Montese em 14 de abril de 1945, restavam as cercanias da pequena cidade. A leste do núcleo urbano, os alemães ainda resistiam, em especial na cota 778. Coube então ao 2º Batalhão do Regimento Sampaio, ao comando do major Syzeno Sarmento, atacá-la na manhã de 15 de abril. A missão foi atribuída ao pelotão sob o comando do aspirante Francisco Mega (3º Pelotão, da 4ª Companhia), apoiado por seu antigo companheiro da Escola Militar do Realengo, o aspirante Hélio Amorim Gonçalves (2º Pelotão da 4ª Companhia).

Assim partiram esses bravos, jovens líderes militares nos primeiros anos de sua juventude, a cumprir arriscada missão sob intenso fogo inimigo. No desenrolar da progressão, o pelotão do aspirante Mega detém-se frente a uma casamata alemã. Ele então dispõe seus homens para o assalto, quando surgem granadas que explodem sucessivamente aqui e ali e, nesse instante, um estilhaço o acerta precisamente no peito. Ele tomba, tenta erguer-se e cai novamente.

Seus homens vacilam diante do comandante gravemente ferido, e ele, percebendo a situação, antes do ataque, temendo que seus soldados fossem trucidados pelos alemães, chama seu subcomandante.

O sargento Agenor aproxima-se já com os olhos marejados, encarando serenamente o aspirante, que lhe dá ordem para assumir o comando, dizendo estoicamente as palavras que o eternizariam como um exemplo de líder militar: “– Por que estão parados diante de mim? A guerra é lá adiante. Estou aqui porque quis. Se vocês estão sentidos com o que aconteceu, se vinguem, acertando o comandante deles. De nada valerá o meu sacrifício, se não conquistarem o objetivo. A minha vida nada vale. A minha morte nada significa diante do que vocês ainda têm por fazer. Prossigam na luta...” Não quer lamentações e diz, já com voz sumida:

“

Quando vim, sabia que isso podia me acontecer.

”

Despede-se de seus subordinados, de quem exige o compromisso de todos para continuarem o ataque. Por seu heroísmo, o aspirante Mega foi agraciado com a Cruz de Combate de 1ª Classe, destinada a premiar atos de bravura ou espírito de sacrifício no cumprimento de missões de combate.

Condecoração Cruz de Combate de 1ª Classe – trecho do decreto –



Concluiu o curso da Escola Militar do Realengo em sua última turma e incorporou-se ao Regimento Sampaio na véspera do ataque a Monte Castelo em que tomou parte. Comandava o Pelotão do 1º Escalão no ataque a Montese. Apesar da forte resistência do inimigo, que procurava deter nosso avanço com tiros ajustados, de metralhadoras e forte bombardeio, impulsionou infatigavelmente seu Pelotão, cujos homens eram empolgados pelo seu exemplo de bravura e sangue frio.



Ferido mortalmente, à frente dos seus homens, em pleno ataque, em nenhum só momento deu provas de fraqueza. Assistido por seus soldados, com admirável serenidade, sentindo que ia morrer, rezou! E isto depois de ter confiado ao Pelotão uma lembrança para sua mãe, Dona Angelina Garofalo Mega.

E continuou falando a seus homens, incitando-os a prosseguir no cumprimento do dever. Calmo e conformado, compenetrado das suas responsabilidades de chefe, a quem cabia estimular os seus subordinados naquele momento crítico, pronunciando palavras de entusiasmo e confiança na vitória. E exalou o último suspiro.

E, de fato, a missão foi cumprida, conquistada Montese e vencida a guerra. Tamanho o impacto na população local da participação brasileira na libertação daquela cidade, que, agradecida, em homenagem às tropas febianas, uma de suas praças foi batizada com o nome de “Piazza Brasile”. Até os dias de hoje, a “Canção do Expedicionário” é aprendida e entoada nas escolas pelas crianças daquela região italiana: “Você sabe de onde eu venho?”...

Nota

¹Pracinhas: nome como ficaram popularmente conhecidos os integrantes da FEB, infere-se do diminutivo de “praça”: militar de graduação mais baixa na hierarquia militar, p.ex. soldado, cabo e sargento.



Fonte: Arquivo Nacional/Correio da Manhã

Referência

HOBSBAWM, Eric J. *Tempos Interessantes*. Uma virada no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

